

**Formação e prática em arquitetura paisagística no Brasil:
Desafios de uma profissão através do aporte de Haruyoshi Ono**

Alda de Azevedo Ferreira ¹

Resumo:

A profissão de arquiteto paisagista tem passado por importante crescimento, especialmente a partir de meados do século XX, entretanto no Brasil ainda não existe uma formação específica para a atividade paisagística que reflete na falta de seu reconhecimento regulamentado. O escritório Burle Marx e Cia Ltda representa na atualidade um dos centros irradiadores desta práxis, que através dos ensinamentos do paisagista Roberto Burle Marx contribuiu com a formação de profissionais de 1955 a 1994, dentre os quais se tem o arquiteto Haruyoshi Ono, seu atual diretor geral. Ono está presente no contexto paisagístico há quase cinquenta anos dando continuidade ao conceito de paisagismo que aprendeu com Burle Marx. Através de sua experiência, busca-se no presente artigo evidenciar as dificuldades para o estabelecimento da profissão no país e aspectos relativos à criação paisagística nos dias de hoje.

Palavras chave: Arquitetura Paisagística; Paisagem; Projeto paisagístico; Roberto Burle Marx; Haruyoshi Ono.

Abstract

The profession of landscape architecture has undergone significant growth, especially from mid-twentieth century, though in Brazil there is still no specific training for the activity landscape that reflects the lack of recognition regulated. The Burle Marx & Cia Ltda is currently one of the radiating centers of praxis, that through the teaching of the landscaper Roberto Burle Marx contributed to the formation of professionals from 1955 to 1994, among which stands out the architect Haruyoshi Ono, its current director general. Ono is present in the landscape context almost fifty years ago continuing the concept of landscaping that has learned from Burle Marx. Through his experience, it is intended in this article highlight the difficulties in establishing the profession in the country and landscape aspects of the design today.

Keywords: Landscape architecture; Landscape; Landscape design; Roberto Burle Marx, Haruyoshi Ono.

¹ Arquiteta e Urbanista e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: aldazevedo@yahoo.com.br.

1. Introdução

A profissão de arquiteto paisagista foi institucionalizada a partir de 1899 no território americano com a criação da *American Society of Landscape Architects* (Asla)². No Brasil atualmente ainda não existe um reconhecimento regulamentado desta profissão por parte do recém-criado Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), encontrando-se no momento em tramitação no Congresso Nacional a Proposta de Lei 2043/2011 que visa à regulamentação da atividade.

Entre outros aspectos, isso se deve ao fato de ainda não existir graduação específica em Arquitetura Paisagística, como ocorre em outros países. Grande parte dos centros irradiadores da atividade têm sido os cursos de Arquitetura e Engenharia Agrônômica, que mantêm disciplinas de paisagismo em sua grade curricular, juntamente com o curso de Composição Paisagística, oferecido pela Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desta forma, ainda são grandes as dificuldades para o estabelecimento desta profissão no país, construída inicialmente em grande parte através do trabalho prático em escritórios especializados, tal como ocorreu com os profissionais que tiveram a oportunidade de aprendizado no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

O paisagista Roberto Burle Marx inovou com uma linguagem paisagística identificada com a paisagem brasileira, estabelecida desde a década de 30, que posteriormente foi chamada Jardim Moderno. De acordo com Lúcia Costa (1998), apesar de não ter a cátedra de professor, ele assumiu em vida a postura de orientador, não só no dia a dia de seu próprio escritório, como também atuando como o primeiro professor de paisagismo no primeiro curso de Pós-Graduação para arquitetos no Rio de Janeiro, ou mais especificamente no Curso de Especialização em Urbanismo, criado em 1954, pela Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA). Sua permanência foi restrita a um ano apenas, e em suas aulas ele buscava ressaltar a integração entre o projeto paisagístico, o urbanístico e o arquitetônico em diversas escalas.

Após este breve período, Burle Marx deu continuidade aos ensinamentos dentro do escritório Burle Marx e Cia Ltda, contribuindo com a formação de quase quatro gerações de profissionais. O escritório se tornou assim um dos centros irradiadores desta profissão no país, difundindo a teoria e o método desenvolvido por Roberto Burle Marx para a concepção paisagística. Dentre os profissionais que tiveram a referência de Burle Marx em sua formação profissional, tem-se o arquiteto Haruyoshi Ono.

O brasileiro Haruyoshi Ono, de acordo com seus relatos em entrevista concedida em 2010, é filho de japoneses e formou-se em arquitetura no ano de 1968. Concomitantemente, ele deu início a sua formação profissional em paisagismo, em que foi o discípulo mais presente do paisagista Roberto Burle Marx, com o qual contribuiu com seus trabalhos por 29 anos. Atualmente, Haruyoshi Ono é Diretor Geral do escritório Burle Marx e Cia Ltda, e há aproximadamente 50 anos tem dedicado seus trabalhos à atividade realizando projetos no âmbito nacional e internacional.

Apesar do aporte de Haruyoshi Ono, são insuficientes as referências bibliográficas que expõem sua trajetória. Assim, delineou-se como objetivo do presente artigo científico descrever a experiência adquirida por este arquiteto, e os desafios com

² FARAH, I.; SCHLEE, M.; TARDIN, R. (Org.). *Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

que se depara a profissão na atualidade. Para atingir este fim foram realizadas entrevistas abertas com o referido profissional no escritório Burle Marx e Cia Ltda, localizado no Rio de Janeiro, nas datas de 3 de setembro de 2010, 28 de julho de 2011, e 6 de junho de 2012.

2. A formação profissional de Haruyoshi Ono

A formação profissional de Haruyoshi Ono ocorreu entre os anos de 1964 a 1968, quando cursou Arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA) da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Nesta época, a arquitetura moderna brasileira atingiu posição de destaque mundial, ainda num reflexo da construção de Brasília no início dos anos 60. Símbolo de um projeto nacional conectado com o panorama internacional surgia assim a afirmação do Brasil como um país moderno.

Entretanto, este também foi um período de substantivas mudanças na história do país, marcado pela imposição do Regime Militar iniciado com o golpe militar em março de 1964, que se estendeu até 1985, instaurando um processo de modernização burocrática no país e de centralização dos âmbitos administrativos e financeiros na esfera federal, além da supressão das liberdades individuais, e a implantação de um código penal militar (Segawa, 1997). Estas modificações geraram movimentos estudantis em protesto às arbitrariedades do Estado, que eram duramente reprimidos. O impacto deste clima conturbado refletiu diretamente em todos os âmbitos da vida social, e principalmente no ensino nas universidades, inclusive a FNA.

De acordo com a entrevista de José Tabacow concedida a Abílio Guerra (2010), o curso de arquitetura na FNA ainda contava com um agravante: antes de ser deposto pelo golpe militar de 1964, o então presidente João Goulart determinou que o número de vagas das universidades federais fosse duplicado. Assim, ingressando em uma turma de quase 400 alunos, Haruyoshi Ono deparou-se com deficiências incontornáveis devido à falta professores e a precária infraestrutura no curso, que comprometiam a qualidade do aprendizado.

Tal fato motivou a procura de Ono por uma complementação dos estudos através de estágio em escritório de arquitetura. Haruyoshi Ono descreve em entrevista concedida a Regina Zappa (2009), que no ano de 1965, juntamente com o colega de turma José Tabacow, participou inicialmente de grupos de desenvolvimento de projetos coordenados pelo professor de desenho artístico, Antonio Leitão.

Posteriormente, Ono e Tabacow solicitaram estágio no escritório Burle Marx e Cia Ltda., cuja iniciativa surgiu após a observação de uma placa na obra do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, que causou grande impacto na cidade, inclusive para os estudantes. Assim, após algumas procuras, eles foram aceitos como estagiários de Burle Marx (Ono in Zappa, 2009).

Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011, diz que em sua entrada no escritório Burle Marx e Cia. Ltda., já conhecia o trabalho do paisagista Burle Marx, que conforme descreve Leenhardt (1994), em 1965 contava com muitos jardins construídos não só no Brasil como no mundo. Entretanto, o trabalho em paisagismo de Burle Marx havia sido autodidata na formação de seus conhecimentos, e apesar de sua projeção, de acordo com Fleming (1996), a atividade paisagística no país permanecia pouco explorada e restrita a alguns profissionais, bem como o seu ensino nas faculdades. Desta forma, conforme descreveu em entrevista concedida em 2011, os conhecimentos de Haruyoshi Ono em paisagismo ainda eram praticamente inexistentes nesta época.

Na época da entrada de Haruyoshi Ono e José Tabacow não era grande o número de encomendas de projetos. Segundo Ono, Burle Marx havia se ausentado por um grande período realizando viagens para palestras, além de manter um escritório técnico na Venezuela, de modo que seus trabalhos no Brasil foram gradativamente aumentando após o auxílio dos dois profissionais (Ono in Zappa, 2009).

Porém, segundo Lawrence Fleming (1996), a união entre Haruyoshi Ono, José Tabacow e Roberto Burle Marx foi bem sucedida desde o início. De acordo com Fleming (1996), a capacidade interpretativa dos mais sucintos esboços do paisagista pelos dois estagiários foi um importante diferencial para a inauguração desta nova fase em sua produção paisagística, e completa: “uma nova era evidentemente havia começado” (1996, p.110).

Assim, Ono e Tabacow passaram a se responsabilizar pela organização do acervo do escritório. Iniciaram suas atividades identificando os projetos, e criando um fichário com as informações sobre plantas ornamentais. Em seguida, no ano de 1966, Ono adquiriu a posição de desenhista enquanto estagiário, juntamente com Tabacow, passando a se dedicar ao desenho de projetos de jardins e parques (Ono in Zappa, 2009).

De acordo com Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2010, a distribuição dos afazeres do escritório ocorreu naturalmente, em que se dedicou prioritariamente à arte final dos projetos, através dos desenhos a nanquim sobre papel vegetal e na pintura das plantas. Em relação ao seu aprendizado, Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011, diz que inicialmente buscou assimilar as formas trabalhadas por Burle Marx, desenhando sobre seus rabiscos. Cerca de dois anos mais tarde, passou a compreender a composição paisagística como um todo.

A apreensão da composição paisagística de Burle Marx significou para Haruyoshi Ono a compreensão de seus princípios de criação paisagística. De acordo com os depoimentos de Burle Marx (1994), sua concepção não era baseada em fórmulas que pudesse levar a uma repetição do jardim independentemente da paisagem onde está inserido. Em contraposição, este era adaptado ao caráter do lugar, em consideração às características do meio ambiente e de sua cultura, numa linguagem própria e coerente com o pensamento estético do momento.

Dessa forma, com a finalidade de aumentar seus conhecimentos sobre a flora, segundo entrevista concedida em 2011, Haruyoshi Ono participou no ano de 1966 de um curso de botânica sistemática no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, realizado pela botânica Graziela Maciel Barroso, e de Botânica Aplicada com o botânico Apparício Pereira Duarte, que contribuiu para a ampliação de seus conhecimentos das características do vegetal.

Haruyoshi Ono, ainda conforme a referida entrevista, também fez parte de excursões de pesquisa e coleta de espécies vegetais com potencial para uso paisagístico aos diferentes biomas do país, promovidas por Burle Marx, que eram feitas na companhia de botânicos e arquitetos. Esses eram momentos de aprendizagem para Ono que pôde analisar na vegetação suas possibilidades de combinações entre ritmos e cores, texturas e superfícies, ou seja, da observação das potencialidades compositivas para o paisagismo, que eram demonstrados por Burle Marx.

Tal aprendizagem, de acordo com entrevista concedida em 2011, capacitou Haruyoshi Ono, ainda estudante em arquitetura no ano de 1967, a assumir a posição de coordenar e desenvolver algumas obras do escritório Burle Marx e Cia Ltda., juntamente com José Tabacow. Posteriormente, no ano de 1968, já formado em

arquitetura, Ono foi promovido a sócio do escritório Burle Marx e Cia Ltda., assim como Tabacow, numa sociedade da qual já fazia parte Roberto Burle Marx e seu irmão Guilherme Siegfried Marx. Em seguida, Ono assumiu a função de Diretor do Departamento de Projetos, responsabilizando-se pela criação dos projetos paisagísticos a partir da década de 1980, cargo em que permaneceu neste até o ano de 1994.

3. A prática projetual de Haruyoshi Ono no escritório Burle Marx e Cia Ltda.

Haruyoshi Ono, em entrevista concedida em 2011, descreve que com o tempo foi ganhando maior autonomia no ato de projetar as solicitações do escritório, quando passou a receber coautoria dos projetos de Burle Marx, juntamente com José Tabacow. Ono considera como o projeto mais emblemático nesta fase, o Jardim para o Calçadão de Copacabana, localizado na Avenida Atlântica, Rio de Janeiro, de 1970 (Figura 1).



Figura 1: Calçadão de Copacabana, Rio de Janeiro, 1970. Foto: Fernando Ono (2010).

Como outro exemplo da participação de Haruyoshi Ono na produção de projetos paisagísticos do escritório Burle Marx e Cia Ltda. deste período, tem-se a Praça do Ministério das Forças Armadas, conhecida como Praça dos Cristais, construída em 1970, e localizada no Setor Militar Urbano em Brasília. Trata-se de um grande jardim na forma de um triângulo de 102 mil metros quadrados, onde Burle Marx concedeu a Ono a incumbência de desenvolver uma escultura para o espelho d'água.

Para sua criação, Haruyoshi Ono, conforme descreveu em entrevista concedida em 2010, adotou como referência uma característica da paisagem do local representada pela grande quantidade de cristais de rocha, na cidade de Cristalina. Assim, com a finalidade de remeter às riquezas naturais existentes no Planalto Central, foi concebida a escultura em concreto que representa tais cristais e se tornou a maior identificação da praça (Figuras 2 e 3).



Figura 2: Visão geral da Praça do Ministério do Exército, Brasília. Fonte: Leonardo Finoti.



Figura 3: Escultura de Cristais da Praça do Ministério do Exército, Brasília. Fonte: Malcolm Raggett.

Haruyoshi Ono descreveu em entrevista concedida em 2010, que na década de 80, já sem a presença de José Tabacow, desenvolvia sozinho e auxiliado por colaboradores, grande parte dos trabalhos solicitados ao escritório, tendo liberdade para projetar de acordo com o conceito estabelecido pelo paisagista. A partir desse período, Burle Marx além de supervisionar os trabalhos do escritório, se dedicou mais frequentemente a tornar conhecidas as suas idéias através das conferências que realizava pelo mundo, às suas diversas atividades como artista e às suas coleções botânicas presentes no Sítio Burle Marx, local de sua residência, em Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro.

Haruyoshi Ono, segundo entrevista concedida em 2012, aponta uma obra que pode ser considerada de transição para uma fase sem a presença de Burle Marx, que foi o projeto para o Kuala Lumpur City Centre Park, localizado em Kuala Lumpur, na Malásia, iniciado em 1993, que teve a construção finalizada em 1998. A proposta, de acordo com Schlee (2010), era que o parque funcionasse como um contraponto ao entorno edificado, cujo acesso se dá a partir de um *parkway* arborizado e articulado através de um traçado caracterizado por formas orgânicas, cujo ponto focal é representado por um grande espelho d'água que tem como objetivo transmitir a sensação de tranquilidade e amenizar o clima local. Unindo o lazer ativo ao contemplativo, tais áreas foram bem delimitadas através da paginação dos pisos, que foi inspirada no padrão geométrico utilizado na indumentária malaia tradicional (Figuras 4 e 5).



Figura 4: Kuala Lumpur City Centre Park, Malásia, 1998 (Visão geral).
Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia.

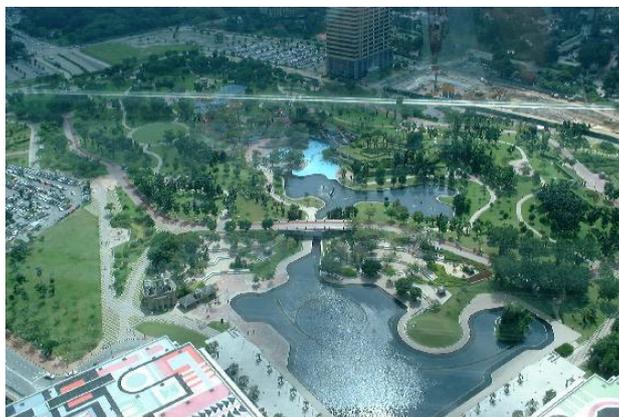


Figura 5: Detalhe do Kuala Lumpur City Centre Park, Malásia, 1998. Fonte: Acervo do escritório Burle Marx e Cia.

Haruyoshi Ono conviveu ao todo por 29 anos com Roberto Burle Marx, sendo seu discípulo mais presente. Após o falecimento de Burle Marx em 1994, Ono tornou-se seu herdeiro profissional e passou a diretor e sócio majoritário do escritório Burle Marx e Cia Ltda. Atualmente, Haruyoshi Ono e sua equipe se dedicam prioritariamente à criação, execução e manutenção de projetos paisagísticos, compreendidos na meso e micro escala de intervenção em espaços públicos, semipúblicos e privados.

Na criação de seus projetos paisagísticos, Haruyoshi Ono toma como ponto de partida o conhecimento dos anseios dos clientes, quando é estabelecido o programa de necessidades. Em seguida, procede-se uma análise aos aspectos físicos do local, como o clima, o solo, os recursos hídricos etc. Após essa fase, todas as informações são reunidas e são estabelecidas as prioridades. Para ele, os elementos mais importantes da composição são a vegetação e a água. Ele relata, em entrevista concedida em 2011, que a utilização da água é muito importante devido às características do clima de nosso país, de modo que ele sempre procura inseri-la em suas composições.

O elenco de vegetação utilizada é fornecido por viveiristas e pela chácara de propriedade do escritório, situada em Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro. De acordo com Ono em entrevista concedida em 2011, a variedade de flora nativa brasileira com potencialidades paisagísticas a disposição não é mais tão significativa quanto na época de Burle Marx. Em sua época, a coleta de espécies endêmicas das florestas ainda era permitida, as quais eram aclimatadas pelo paisagista no próprio Sítio Burle Marx, possibilitando seu fornecimento. Tal prática hoje é controlada pelo Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) por se tratarem muitas vezes de espécies em risco de extinção.

Outro aspecto característico de seus projetos é a atenção que Haruyoshi Ono procura dar aos aspectos culturais do local onde a obra será inserida, com os quais procura estabelecer relações materializando signos e símbolos identitários do lugar através de suas criações. Como exemplo, tem-se o projeto de 2005 para a Praça da Revolução, localizada em Rio Branco, no Acre, cuja paginação do piso remete aos desenhos dos indígenas que habitam o local (Figura 6).



Figura 6: Praça da Revolução, Acre (2005). Fonte: Centro Cultural Luso Brasileiro.

Assim, nos últimos 18 anos é crescente a demanda por projetos, totalizando até o momento cerca de 350, entre nacionais e internacionais. Atualmente, além dele, fazem parte da sociedade do escritório Burle Marx e Cia Ltda. as arquitetas Fátima Gomes e Isabela Ono, juntamente com os arquitetos Gustavo Leivas e Julio Ono, que dão apoio na realização dos projetos paisagísticos.

Considerações finais

Ao longo de sua trajetória profissional, o arquiteto Haruyoshi Ono teve a oportunidade de aprender os princípios conceituais e metodológicos do processo projetual desenvolvido por Roberto Burle Marx. Neste sentido, os olhares dos profissionais entraram em consonância em relação à maneira de perceber e interpretar a paisagem para, a partir disto, dar origem à criação paisagística.

Desta forma, na criação do jardim de Haruyoshi Ono, a escola paisagística idealizada por Burle Marx encontra-se subentendida, como modelo cultural. A atitude de Ono em dar continuidade a este pensamento pode inclusive ser associada à expressão Taoísta *wu-wei*, que significa a não-ação (deixar-ser). Não se trata de uma não-ação no sentido de indiferenciação, ou mesmo de uma não-interferência radical, mas de não-ação que busca não interferir no caminho natural das coisas. Como Ono resume em entrevista concedida em 2012:

“Eu acredito que a gente está perdendo as referências do passado, (...) acho importante preservá-las em qualquer comunidade, em qualquer aglomerado numa cidade. A gente tem que manter um testemunho do passado, que é importante, senão se perde essa referência”.

Sendo assim, seja por meio de significados materiais ou imateriais, Haruyoshi Ono busca conservar a natureza íntima da paisagem através de seu jardim. Para elaborar sua linguagem paisagística, Ono imagina em termos de imagens com relações e conexões entre elementos e conceitos lógicos, que lhe são relevantes. O olhar de Ono observa o entorno, faz anotações, fotografa, passeia por entes, perscruta e projeta possibilidades para o novo espaço. Longe daquilo para que foram destinados, estes entes selecionados são modificados pela arte, convocando as pessoas a utilizarem e desfrutarem o jardim por ele criado. Formas indagadoras que desvelam o mundo deste arquiteto.

Referências bibliográficas

COSTA, Lucia. Começando com Burle Marx: O paisagismo na pós-graduação da UFRJ. In: **Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura**. COSTA, Lucia (Org.). Rio de Janeiro: Editora Maia Barbosa, 1998.

DOURADO, Guilherme Mazza (Org.). **Visões de paisagem: um panorama do paisagismo contemporâneo no Brasil**. São Paulo: ABAP, 1997.

FARAH, I.; SCHLEE, M.; TARDIN, R. (Org.). **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

FLEMING, Lawrence. **Roberto Burle Marx: um retrato**. Rio de Janeiro: Editora Índex, 1996.

GUERRA, Abílio. Entrevista com José Tabacow. **Revista Folha**. v 20, Ano XVI, p. 30-53. Maio. 2010.

KLIASS, Rosa Grena. **Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil - 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

ZAPPA, Regina. Mestre, herdeiro do mestre: Regina Zappa entrevista Haruyoshi Ono in: **Roberto Burle Marx uma experiência estética: pintura e paisagismo**. Rio de Janeiro: Design e Editora LTDA, 2009.